

ENTRE IMAGENS, SABORES E SABERES DA FEIRA LIVRE DE JACOBINA: CRÔNICA DE UMA EX-PRESSA

Luzineide Vieira de Sousa¹

Resumo: Este texto tem como objetivo propor uma reflexão crítica, por meio das imagens, os sabores e saberes em movimento da cultura e sujeitos, que se constituem na feira livre de Jacobina-BA, produzindo, através dessas intensidades, novos afetos, outras maneiras de perceber, possibilitar e inventar educação. Para fundamentar o estudo investigativo, inspiramo-nos em Certeau (1994), para pensar o lugar-praticado; Bhabha (1998), os entre-lugares; Brandão (2002), numa educação popular; Kastrup (2014) e Deleuze (2002) no devir da feira livre. Assim, caminhamos no método experimental, numa cartografia social, na construção dessa feira que confere vozes para os afetos que pedem passagem para outras vozes. Desse modo, utilizamos entrevistas semiestruturadas, fotos e diário de campo enquanto metodologia, além de instrumentos aplicados à investigação. As experiências apontam para uma feira protagonista e que reúne histórias de vidas, afetos e saberes. Uma tenda de vários lugares, (re) inventada pelos atravessamentos das culturas e educações, presenciadas nas práticas cotidianas, com novas presenças no mundo, que nos coloca em crise a pensarmos na educação para fora, à medida que (in) conformamos com a fixação de que há blocos fechados, um espaço/entendimento único de cultura e de se ensinar e aprender-escola.

Palavras-Chave: Feira livre. Práticas cotidianas. Entre-lugares. Sujeitos feirantes. Educação.

¹ Mestra em Educação. Docente do Curso de Letras Língua Inglesa (UNEB). Graduação em Letras e Literaturas (UNEB) e Especialista em Práticas de Ensino e Metodologias da Língua Portuguesa (UEFS). Endereço eletrônico: lvsousa@uneb.br.

IN-BETWEEN IMAGES, FLAVORS AND KNOWLEDGE OF JACOBINA'S FREE MARKET: CHRONICLES OF AN EXPRESS

Abstract: This paper proposes a critical reflection, through images, of flavors, cultural knowledge and subjects inscribed in the processes of constituted subjectivities in the open free market of Jacobina-BA, producing, through these intensities new affections, other ways of perceiving, enabling and creating new dimensions of educations. This investigation is underscored by Certeau (1994), regarding the place- practiced; Bhabha (1998), the between-places; Brandão (2002), in a popular education; Kastrup (2014) and Deleuze's sense of becoming in the free fair (2002). Bearing this in mind, we promenaded in the experimental method — a social cartography — in the construction of this perspective of market that voices the affections that demand making way for even more voices. Thereby we use semi-structured interviews, photos and field journal as a methodology and instruments applied to carry out the research. The experiences reveal a market protagonist who brings together stories of lives, affections and knowledge. A tent of various places (re) invented by the crossings of cultures and educations, witnessed in the practices with new presences in the world, which puts us in a thought-provoking perspective by forcing us to reconsider our understandings of education, as we (in)conform to the fixation that there are blocks a single space/notions of culture and teaching and learning-school.

Keywords: Open-air market. Daily practices. In-between. Education.

Introdução

Expressas em imagens, sabores e saberes...
“Somente a expressão nos dá o procedimento”
Deleuze e Guattari

A feira livre de Jacobina (BA) é um espaço de fluxos constantes, de (des) territorialização e (re) territorialização que permeia movimentos consistentes de gente que compra, vende, canta, dança, bebe, se diverte, tenciona os lugares, os preços, as roupas, os cabelos, por muitos objetos, conceitos, cheiros, sons, pesquisas, educações e culturas. Misturas a se atravessarem em uma intensidade de criação de formas de expressão para as sensações intransmissíveis.

Crônica-pensamento que busca expressar uma polifonia de vozes que ecoam do eu, do outro, de nós, de um espaço que passa a ser (des) enquadrado e adquire outros sentidos. Sem pressa. Pressa demorada que vai se deslocando por entre as cores, sabores e saberes da feira livre por meio de uma crônica tecida e composta a partir de uma conversa longa com André, que, entre tantas outras lindezas do espaço, é coordenador da feira.

Expressa por entre os (entre) lugares que se (de) com põem nesse lugar praticado. O que as imagens, sabores e saberes nos dizem dos (entre) lugares expressos nas práticas cotidianas do povo da feira livre de Jacobina-BA? Tudo, pois essa tenda acolhedora se constitui num espaço de muitos encontros, múltiplos cenários propícios para transformação dos sujeitos, das suas histórias de vida, de educações e diversidades, entre imagens, textos e contextos de saberes e sabores.

Para essa produção criativa, desafiadora, foi preciso abandonar a escrita convencional e nos lançar na aventura de pensar em outro gênero textual, a transitar por espaços de saberes, que exige de nós uma escrita que nos transporta sempre para algo por vir e, segue um percurso sempre inaca-

bado no que se refere às situações subjetivas e objetivas que concerne ao espaço da feira livre de Jacobina (BA).

Podemos dizer, que as circunstâncias para criação dessa produção advêm dos achados da pesquisa de campo do Mestrado em Educação realizada (2015-2017), pela UEFS, intitulado: "Tendas de uma feira: expressões e sentidos na produção de (entre) lugares em Jacobina (BA)". Mas, resolvemos trazer em tela, nessa crônica narrativa, com intuito de protagonizar a feira livre que reúne histórias de vida, afetos de saberes e sabores.

De forma leve, simples e direta, o texto segue a ordem dos eventos ou linha direta de tempo lógico dos acontecimentos. Assim, ao interpelarmos as imagens que compõem a feira livre, muitos sentidos e significados são produzidos do lugar praticado. Através da perspectiva de Deleuze (1992), nossa prática, entendida conceitualmente como intercessores, coloca em condição de não se refugiar na "reflexão sobre", mas de operar, criar, experimentar, sem estar "agitando velhos conceitos estereotipados como esqueletos destinados a intimidar toda criação, [...] [não se contentando] em limpar, raspar os ossos".

Para compreendermos esses movimentos que vamos experimentando é interessante caminhar nos estudos da cartografia entendida como uma experimentação do pensamento ancorado no real, experiência compreendida como um saber-fazer, isto é, um saber que emerge do fazer (KASTRUP, 2014, p. 18), com base na construção do conhecimento e da atenção que configura o campo perceptivo do processo em curso. O sentido da cartografia poética é de acompanhamento de percursos, aplicação em processos de produção, conexões de redes ou rizomas. Assim, o método cartográfico não tem regras a seguir, é um movimento atencional, concentrado na experiência, na localização de pistas e de signos do processo em curso. Cartografar é perceber as coisas através da experiência, do deixar vir e trazer isso à arte de maneira poética (KASTRUP, 2014).

Deixemo-nos levar pelo movimento da feira livre, seu/nosso movimento, fluidez das cores, sabores e saberes, das conexões (des) estabelecidas. “Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos...” (DELEUZE, 2003, p. 42), imagens em presas que já não correm mais. Criações de espaços e encontros, dos afetos potentes que pedem passagem, nos jogando ao mergulho da feira, na feira, trazendo suas pertinências de sentidos e expressões em Jacobina (BA).

As imagens, os sabores e os saberes dos entre-lugares, nos entre-lugares, com...

Como acontece todo sábado, nos primeiros fios de sol, as ruas do entorno da feira livre ficam vias de passagem para o acesso das pessoas à feira. Elas entram nos becos da grande tenda, caminham entre ruelas, encontram evidências de várias culturas, demonstradas nos movimentos, atravessadas pelas etnias e estilos, lugares diversos, de versos, de sons que se transformam em palavras, versada pelas multiplicidades que encontram. Vivenciam situações e passagens motivadas pelas expressões gestuais do aglomerado de pessoas, da cultura das roupas, dos corpos, das muitas linguagens e variados discursos, compostos na enunciação dos vendedores. Assim, os movimentos moldam os espaços, tecem os lugares.

Não importa se são barracas, boxes, lonas espalhadas ao rés do chão, são vestígios de culturas híbridas marcando o espaço para além do capitalizar. Para Bhabha (1998, p. 20). “Esses entre-lugares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação-singular ou coletiva que dão início a novos signos de identidades”. Assim como Bhabha entrou nessa crônica, entro na feira livre e me junto às pessoas e num espaço conhecido como ‘beco da morte’, procuro dona

Rosa, feirante e benzedeira conhecida como senhora de bons conselhos, amiga e oficiosa na profissão. Sua barraca é cheia de cores e algo me convida a um gesto:

Figura 1-Paisagem da barraca de Dona Rosa

A abelha, no seu pouso suave,
finda o barulho de movimentos
das barracas.

E eu me esquecia do acaso das
circunstâncias,
do gosto dos doces,
ou o abandono,
a voz ou o silêncio...

tudo aquilo que fala, passa,
emerge, vem ao nosso encon-
tro.



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

Desejaria estar inspirada, como a abelha, para aproveitar todo pitoresco da paragem, ou do burlesco momento matinal. Eu pretendia apenas captar, das observações do lugar, das situações práticas dos vendedores, algo que respondesse às perguntas elaboradas para nossa pesquisa, pois como nos diz Certeau (2004, p. 201), “o espaço precisa ser vivenciado para poder caracterizar-se como tal, enquanto que o lugar permanece na ordem estável, espaço próprio onde as vivências acontecem”.

Assumo o protagonismo da abelha, observo a contemporaneidade da feira: são tempos alegres e mestiços de afirmação da vida, em suas enunciações mais intensas de bricolagem, que ressoam por todos os cantos. Na perspectiva do improvisado, no esbarrar de esquina, encontro-me com André, meu ex-aluno. Todo elegante, com a imponência de um homem feito, de estilo despojado. Ao cumprimentá-lo, digo logo o que me levou àquele lugar, e, sem cerimônias, ele dispara a falar sobre o encantamento do espaço. A conversa fica tão interessante que proponho gravá-la. Prontamente, ele concorda e afirma estar na feira há mais de 24 anos, tendo

começado no serviço de autofalante, o primeiro meio de comunicação de Jacobina, conhecido antigamente como a 'voz da cidade'. E, adorando ter me deixado seguir pelo esbarrão do acaso, André me conduz, para conhecer essa mesa de som: de fato, é uma mesa para cena de muitas vozes, o que torna possível a ambivalência do povo da feira com o lugar.

Figura 2- Imagem da mesa de som

Na imagem ficam as antigas memórias de tempos, onde

a passagem vai abrindo uma maneira de caminhar, na maneira de fazer o presente.

Não se resgata um fato histórico. Ele aconteceu, está no passado.

Tem-se um presente de traduções do vivido

(des)cascado da parede...



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

“Quando o centro da cidade cresceu, os empresários começaram a reclamar do barulho do som. Então, foi aí, que o som veio parar na feira livre e hoje faz o serviço de utilidade pública”, me contou André. Com rigor do saber cotidiano da feira e sensibilidade nas palavras, André vai desfiando os fios que tecem, com feitiço de afetos diferentes, as relações dos sujeitos e vivências do espaço para dar-nos ao entendimento as expressões costumeiras dessas relações. Aprendemos com ele como esses sujeitos da feira pensam os seus próprios modos de se relacionarem com os outros sujeitos que chegam à feira para comprar, trocar e, até mesmo, selar amizades.

Ao mesmo tempo, volto o olhar para a esquerda e ao fundo do boteco do Sr. Reinaldo, várias pessoas tomando seu cafezinho matinal, com produtos vindo da fazenda: o leite, as

frutas, a manteiga, o queijo, ovos e muitos outros sabores. A algazarra das pessoas, na expressão de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pelo aroma dos degustos. Mal sai um freguês, outro chega e ocupa o lugar com muita euforia. Passo a observá-los. O patrão, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, acerta os serviços do empregado dedicado à sua fazenda. A mulher limita-se a ficar olhando os produtos ao seu redor. Ao seu lado, tem uma mocinha de rosto pintado e de batom roxo, cor de uva. Ainda, vejo um casal forasteiro que se aproxima para desfrutar do ambiente e degustar do sabor do café.

Figura 3: Bar do Sr. Reinaldo

Em-contros imprimidos nos acasos e des-acasos



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

Volto a conversar com André, que também observa a cena, parecendo querer completá-la, alude: “Aqui, a maioria são frequentadores assíduos e já estão na terceira geração, assim como os feirantes, principalmente, nos bares e restaurantes e quando chega o sábado, a feira fica lotada ali, (aponta André), são os produtores da agricultura familiar que vêm vender seus produtos”.

Uma comunidade de quilombolas, que mora nas Grotas e três Coqueiros, (município de Jacobina, a 50 quilômetros), vêm à feira mais para se alegrar do que vender, se encantam pelas manifestações culturais, pelas diversidades de produtos. Nisso, vamos perambulando pela feira e paramos

no local em que a capoeira trazia nos seus movimentos ágeis e leves toda magia do ginástico-acrobático:

Figura 4: Cartografia do grupo Jacobina Arte-capoeira

A capoeira cria textos e constrói seus sentidos...

Envolve, devolve, sacode a coletividade.

É o sujeito que foge da ordem, transforma,

inova, através dos movimentos corporais.



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

De repente, vejo uma menininha muito atenta aos movimentos dos capoeiristas seduzida pelas braçadas de pernas no ar. A mãe, com admiração nos corpos suados, fica extasiada. De modo sorrateiro, a mãe desvia o olhar da criança por outro movimento de inquietude.

“A feira para essa gente é tão elevada quanto o carnaval para nós. Essa pluralidade de eventos que acontecem nela. Outro dia, vi a filarmônica. A faculdade e o teatro, esses grupos enriquecem muito esse lugar”, nos diz André. O lugar expressa toda efervescência, é bastante interessante no encontro dos namorados, dos acertos de trabalho do patrão com o empregado, dos amigos que não se viam há décadas, pela singularidade do povo, tão hospitaleiro e festeiro.

Continuando com as palavras de André que afirma: “A nossa feira atrai muita gente porque mostra essa diversidade de coisas, na amizade das pessoas e muita animação”. Em sua análise, os produtores ainda vivem o período colonial, que é a subsistência de trazer para feira um produto da sua terra e voltar com outros, fazendo a permuta, a troca sendo a

moeda, a própria mercadoria. Bhabha (1998, p. 27), não por acaso, surge na crônica:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

Continuamos nossas observações ao acaso (será?) e vamos percebendo a variação de muitos estilos de vida e moda: homens com roupas formais e chapéu, (des) configurando seu poder, um continuum temporal:

Figura 5: Figura do senhor-fazendeiro alheio as imagens que imprimem na diversidade do lugar

O deslocamento que é dado a um lugar que passa a

ser observado pelas imagens assume um novo enquadramento e adquire outro significado pelas suas possibilidades e (des) conexões



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

Aos olhos de André, as imagens que reproduzem a feira são a diversidade de cores naturais, sem interferências do humano. As frutas, para ele, têm um encantamento tão grande, que estampam a tela de proteção da máquina de trabalho dele.

No que toca a verdade desse momento fotografado, tem-se memórias de tempos presentes, onde a passagem foi

abrindo maneiras distintas de caminhar, pelos acontecimentos da feira, na produção de fazer o presente, como nos ensina a cartografia, "[...] cartografar é pesquisar o acontecimento acontecimentalizar" (COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 45). Ou seja, querer o acontecimento, o lançar dos dados cultivados em campo, escrever, narrar, filmar, fotografar, notarizar, encenar, pintar com o que acontece.

Nesse espaço de encantos caminhos que levam, que trazem, que embalam práticas cotidianas, por onde circulam histórias de vida, trilhas de desejos outros, que não são nem determinados, nem capturados pelos enquadramentos. Nesse convite entra Certeau (1994), junto às nossas caminhadas pela feira. Vemos o presente se reinventando, lançando possibilidades de olhares e significados, tomando as veredas, ou por que não, ocupando outros lugares da educação e culturas, nos sentidos e expressões em movimento, que na inquietude produzem novos afetos, outros modos de se cogitar e produzir educação.

A fotografia flagra o instante, o acontecido. Tem-se um presente traduzido nas cores ardentes, evidencia o instante, mas este é quebrado pelo olhar de um moço que nos lança para fora do eixo do momento.

Figura 6: O carregador de feira

Diffícil enquadrar uma imagem quando são muitos sentidos atravessados pelos desejos outros



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

Deixemos-nos levar pelo movimento da feira seu/nosso movimento, fluidez dos inventos, das conexões

(des) estabelecidas. "Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos..." (DELEUZE, 2003, p. 42). Ao interpelarmos as paisagens que compuseram a nossa cartografia da feira, muitos sentidos e significados ganharam presença através da diversidade cultural que se compôs num texto.

Nosso traçado/caminho termina. É hora de me despedir de André e vou para casa tomada de pensamentos sobre a conversa que tivemos. Já sinto alguns atravessamentos pelas expressões obtidas, fortalecendo caminhos dos (entre) lugares que se compõem nessa feira que se desdobra na leveza de entendimento do seu povo. Para que os movimentos provoquem novos devires, passemos às considerações finais desta crônica, como cartografias de imagens e saberes em aberto.

Considerações finais

Sinto que já posso concluir e chamo Bhabha (1998), para dizer que das experiências presenciadas na feira livre de Jacobina (BA), tudo gera novos sentidos e expressões, inventa os (entre) lugares para elucidar as relações entre diferenças, culturas e educações, de um povo que nos fios de sol, nas ações cotidianas lançam um grito, a encontrar outros que tecem uma grande tenda.

Figura 7: O freguês no retorno para a sua casa

O instante determina uma partida só por um momento



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

Dito isso, creio deixar evidente, na crônica tecida por André e pela pesquisadora, as suas escolhas de afetos que pedem passagem, e que juntos, expressam o que significa a feira livre para ele/nós. Este percurso foi uma construção de territórios que desterritorializavam o universal, onde tudo é movimento e força viva que vibra nesses tempos contemporâneos, nada é estático, tudo faz sentido e fica como porta de entrada para avistar novas presenças que nos levam a outros modos de pensar, sentir e inventar o que chamamos de educação.

Figura 8: O freguês na sua sabença

Um instante
simultaneamente alegre e
potencializador na fotografia
resistente a um dizer
último com seu
som, cria uma
presente dissidente de
uma imagem definitiva.



Fonte: Produção fotográfica da autora (2016)

Portanto, a feira livre de Jacobina (BA) gera novos sentidos e expressões, inventa os (entre) lugares para elucidar as relações entre diferenças, culturas e educação, de um povo que nos fios de sol, nas ações cotidianas constituem espaços de memórias, experiências e narrativas, a encontrar outras que tecem numa grande tenda.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. M. A. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORGES, C.L. Carneiro. *Narrativas de vendedores em Feira de Santana: entre a memória e o esquecimento das feiras-livres*. Feira de Santana: UEFS, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981. v.1.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. São Paulo: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílilana (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de subjetividade*, 3. reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2014.

[Recebido: 2 jun. 2020 — Aceito: 12 jul. 2020]